

ECONOMIA

Economia - Brasil

CONJUNTURA

Agência internacional diz que turbulência política é o único fator que impede uma redução no risco de crédito brasileiro

Crise impede nota melhor

Carlos Moura/CB/23.10.03



GUEDES: SEM INCERTEZA POLÍTICA, ANÁLISE SERIA APENAS ECONÔMICA

A incerteza política trava a melhoria da classificação de risco de crédito do Brasil, segundo avaliação do diretor-executivo da Fitch Ratings, Rafael Guedes. “Os números da economia estão muito bons, mas o que está maculando é a incerteza política”, afirmou. “É o único fator de questionamento que vemos no momento. O problema da crise política é que ninguém sabe qual a consequência nem quanto tempo dura. Se não houvesse isso, os números do Brasil estão muito bons, e nós estaríamos analisando puramente pelos números”, afirmou.

A Fitch, que atribui o rating “BB-” ao Brasil com perspectiva neutra, é a segunda agência a apontar as turbulências políticas como fator que impede a elevação do rating brasileiro. No início de agosto, a presidente da Standard & Poor's no Brasil, Regina Nunes, afirmou que a crise política engessa os trabalhos no Congresso, o que impede a agência de melhorar a nota de risco do país.

Mesmo com as turbulências políticas e descartando a implementação de novas reformas como a previdenciária, entre outras, até 2006, Guedes afirmou que não espera que a sucessão presidencial tenha a mesma volatilidade vista na disputa de 2002. Durante o período

que antecedeu a eleição de Lula, o risco Brasil chegou a superar 2.400 pontos.

“Até seis meses atrás, considerávamos Lula um candidato reeleito, e hoje ele possivelmente pode não ser reeleito. Trabalhamos com dois cenários principais: um em que Lula

é reeleito ou outro em que a oposição, representada pelo candidato do PSDB, PFL ou PMDB ganha”, afirmou.

Guedes afirmou que outro cenário que a agência desenha é a reeleição de Lula, mas com características mais populistas. “É o último mandato dele, vai ser o legado que vai deixar para a História e será que ele vai continuar tão comprometido com a rigidez fiscal ou vai ter uma pressão maior pelos gastos sociais? Esse é um risco”, afirmou. Outro cenário ainda considerado pela agência é a eleição de um candidato mais populista, como o ex-governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho.

Guedes afirmou que a agência trabalha com a hipótese de a oposição vir a pressionar pedindo o impeachment de Lula no próximo ano, o que, segundo ele, traria ainda mais incerteza e cautela aos investidores.

Ontem, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) caiu 0,86% devido à realização de lucros. O dólar comercial teve alta de 0,35% e fechou o dia cotado a R\$ 2,259.